

ACONTECEU NADA

Deixei meus chinelos misturados com os demais ao redor de tua porta e entrei, logo depois de um adolescente, um tanto quanto indiferente a mim, ter me dito sem me olhar entre. A imagem daqueles chinelos, numa espécie de mandala assimétrica, uma pintura abstrata formada ao acaso pelas chegadas e pelas saídas de pessoas, tinha uma beleza dinâmica, intrínseca, uma beleza que prescinde de qualquer significado. Era a beleza cotidiana se fazendo nos ínfimos espaços da pressa.

Aliás, não sei porque escrevo como se falasse a ti, mesmo sabendo que você não vai ler esse texto. Esse texto permanecerá nos fundos de gavetas digitais tão inacessível e tão desprezível como deve ser. Mas continuarei me dirigindo a ti, pois é a forma que consigo neste momento e é neste momento que o texto precisa nascer.

Pois bem, entrei. Senti em tua casa, em que nunca tinha entrado, alguma vibração vital, a casa pulsava, respirava. Não sei se pelas crianças que vi passando rindo e correndo de dentro para o quintal que se abria numa porta de vidro. Não sei se pelo excesso de objetos nas mesinhas e de quadros nas paredes, onde invariavelmente uma coisa ou outra parecerá familiar a alguém. Ou talvez pela luminosidade que aquele fim de tarde impunha à casa de janelas tão abertas. Era vital e familiar a impressão que tive ao entrar em tua casa.

Fui, enfim. Não havia como não ir. Era um reencontro improvável, mas as dobras do cotidiano me colocaram ali, esperando você aparecer naquele pequeno *hall* antes da sala propriamente dita. As mãos frias e vazias. Devia ter levado alguma coisa para ocupá-las, um agrado, uma lembrança. Titubeei entre inseguro, levei nada. Enxugava as mãos nos bolsos de trás das calças. Esfregava-as para não prevalecer o gelo em que estavam. Quantos minutos passei ali, meio que pendendo para frente, tirando o peso do corpo dos calcanhares com leves solavancos. Nenhum, talvez poucos segundos até que te escutei num já vou.

E surgiu um tanto apressada de dentro da casa, de onde saberia eu só depois ser a cozinha, batendo as mãos num vestido de tecido leve, limpando-as da farinha de trigo. Estava sem preparo: o cabelo um tanto desarrumado, o vestido de ficar em casa deitada no sofá, descalça, sem pinturas, com suor nas têmporas e um passo apressado. Desculpa te deixar esperar, estava colocando um bolo no forno para a gente, mas uma coisa e outra atrasei. Nada, esperei nada não. Os braços se abriram num abraço, os meus também. Abraçamo-nos.

Em tua casa, e só naquele período em que estive lá, pude acreditar na teoria da relatividade do tempo. Pois, novamente, aqueles segundos do abraço ocuparam horas e horas em mim.

Meu corpo encontrava-se novamente com teu corpo, velho conhecido, que era e ao mesmo tempo não era o teu corpo que conheci. Naquelas horas daquele nosso abraço pude perceber diferentes tessituras musculares, outra temperatura de pele, curvatura da coluna, eram mudanças dispersas por todo teu corpo, mas eram tantas e tão sutis que não pude distinguir uma em especial, de modo que aquele corpo diferente era o mesmo corpo que conheci.

Quando nos desabraçamos, me percebi desalojado de palavras. Naquele momento prevaleceu meu talento para silêncios desconfortáveis. Ri amarelo e te olhei pedindo algum socorro. Você entendeu, pareceu-me: vamos sentar ali na varanda do quintal, mais fresco. E fomos.

E: como vão as coisas. Indo, do jeito que dá. Que bom te ver. Pois é. Quanto tempo. Que coisa. Pelo menos essas redes sociais tem essa coisa de boa. Num é, esses encontros só por elas mesmo. Quer dizer que mora em São Paulo. Fui parar

naquele inferno, não teve como. E eu nunca saí de Natal, nunca saí nem daqui do bairro. De certa forma é ótimo. É sim, de certa forma. Trabalhando? Sim. Não. Faça uns bicos. De férias por aqui, fica quanto tempo? Umas semanas ainda. Ainda joga basquete? Em São Paulo não faz-se nada além de ir e voltar do trabalho, e você no vôlei? Às vezes ainda. Casou? Casei e você. Nunca. Filhos? Dois, esse correndo aí junto com o filho do vizinho, o de camisa verde, e o que te abriu a porta. Eu nunca.

Uma conversa tangencial. Sempre esquiva. Como se houvesse um território em que a conversa não pudesse cair e onde o chão era frágil e rachado, onde qualquer tropeço nos derrubasse e cairíamos em solo proibido. E, como uma força gravitacional, estávamos sempre quase caindo ali, estávamos dependurados em cordas muito finas atravessando uma ponte inca, passo a passo. E você sabia do meu medo. E eu sabia do seu medo. E fomos solidários, compreensivos com o medo mútuo. Quando algum de nós titubeava, o outro puxava num aí não, sem dizer, num cuidado sutil e silencioso.

Os meninos passaram arremessando coisas uns nos outros. E esbarraram numa mesa e quase derrubaram as coisas de cima. E o gato escapou num pulo. Você só baixou a cabeça, apoiou a testa na mão, o cotovelo na coxa, e riu engraçada e escondida. Levantou num aí, esses meninos. E tua casa respirava com a gente.

Vou espetar o bolo, ver se já assou.

Não pude não te olhar enquanto distanciava-se. Sua forma de caminhar era a mesma e o vestido delineava teu corpo por baixo daquele pano fino. Teus ombros retangulares, ossudos, sua cintura delgada, sua bunda exata, as panturrilhas musculosas e os pés no chão, pisando-o meio lateralmente. Repudiei-me. Olhei o chão. As mãos ainda frias, coloquei embaixo da coxa. Mas tirei logo. Eram um incômodo aquelas mãos sem procedimento. Batuquei sem ritmo o braço do sofá.

Você voltou: ainda assa mais. Venha ver o quintal. Vê, plantei um pé de jambo igual tinha lá em casa, já já dá sombra. Ali é uma jaboticaba que não cresceu, mas dá bastante. Olhas as pitangas bem laranjinhas no pé. E você continuou me mostrando as plantas e as coisas do quintal como se conduzisse-me com cuidado e delicadeza. Algumas bromélias, algumas orquídeas. Ervas imiscuiam-se por entre a grama - e era singela a intromissão - num verde alimentado pelas chuvas que repetidamente caíam naquela época. Será que chove? Não dá para dizer, às vezes o céu está azul-azul e em 10 minutos cai um pé d'água.

Voltamos ao sofá. Olhamo-nos pela primeira vez em silêncio total. Quer uma água? Um café? Uma cerveja? Não. Eita, o bolo. Correu. Baixei o olho, batuquei no sofá.

Gritou lá de dentro: está pronto, vem pessoal, meninada, vem comer bolo. Cuidado que tá quente. Peguei o pedaço que você me deu achando graça na afobação da criançada e no tantofaz do adolescente. Nos afastamos e comemos o bolo entre amenidades: pôxa, muito bom. Solou um pouquinho. Que nada, tá desmanchando.

Acabados ambos os bolos, voltamos às tangências. E num tropeço você me chama de nego. Isso assim, isso assado, num é nego? E estancamos. Olhei-te em teus olhos inclinando levemente a cabeça, como aquele cachorro muito interessado em alguma coisa. Vi um brilho ali, em teus olhos, que não seria comum nem sei dizer o que houve. Alterou-se o compasso de meu coração numa súbita injeção de adrenalina, talvez, não sei. E não soube o que te dizer, paralisado. Um nó na garganta, uma falta de ar.

Enfim, disse: preciso ir. Já? Sim. Tão rápido. Pois é. Fica aí um pouco mais, espera para conhecer... Não, quer dizer não posso, mesmo. Pena. Pois é, paciência.

Tchau, beijo. Abraçamos apressados, dei um tchau esporádico para os meninos que ainda corriam. Encaminhei-me à porta que eu mesmo abri com as mãos suadas.

Sai ofegante, disfarçando a apreensão. Andava de lado. Existia, só. Você encostada à porta tinha um leve sorriso desajeitado no canto da boca e os braços cruzados.

Era um sorriso indefinido. Algo feliz, algo triste. Mona Lisa cotidiana.

Só percebi que tinha deixado meus chinelos em tua porta quando cheguei descalço em casa.